

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

IZABELA SILVA DE PAULA

**NARRADORES DE JAVÉ:  
HISTÓRIA E MEMÓRIA**

GOIÂNIA

2021

IZABELA SILVA DE PAULA

**NARRADORES DE JAVÉ:  
HISTÓRIA E MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Prof(a). Me(a). Leandro Alves Martins de Menezes

GOIÂNIA

2021

Silva de Paula, Izabela

Narradores de Javé: História e Memória/ Izabela Silva de Paula. – Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades. PUC GO, 2021.

46f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades. PUC GO, 2021.

Orientador(a): Me. Leandro Alves Martins de Menezes

Avaliador(a): Me. Antônio Luiz de Souza

1. Narradores de Javé. 2.História 3. Memória. I. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº \_\_\_\_\_ Semestralidade 2021.2

Autor(a): \_\_\_\_\_

Título: \_\_\_\_\_

---

### TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado posteriormente a **Semana Científica de História**, realizada em dezembro de 2021, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. O (a) candidato (a) foi arguido (a) pelos (as) docentes nomeados (as) abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor (a) Licenciado (a) em História, considerado

\_\_\_\_\_  
(Aprovado, aprovado com ressalvas ou reprovado).

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Prof(a).: \_\_\_\_\_ Prof(a).: \_\_\_\_\_

Prof(a).: \_\_\_\_\_, orientador(a) e presidente da banca.

\_\_\_\_\_  
Visto da Coordenação de Pesquisa em História

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Coordenação da Licenciatura em História, Escola de Formação de Professores e Humanidades, e as demais instituições da PUC Goiás, essencialmente no meu processo de formação, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos no curso. Ao professor Leandro Menezes, por ter sido meu orientador, pelas correções e ensinamentos que permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo. As instituições de fomento como a CAPES, pelo incrível trabalho pela educação brasileira, facilitadores e colaboradores que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa e à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso. Além da minha família que me incentivou nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho analisa a obra cinematográfica, *Narradores de Javé*, da cineasta Eliane Caffé – 2013, tendo a problemática de relacionar os conceitos de história e memória, oralidade e escrita, tradição e modernidade todos estes trabalhando por meio do decorrer da trama. Visto isso, o longa-metragem foca integralmente em trabalhar memória relacionando com experiências de um cotidiano do lugarejo de Javé, que se encontra uma problemática a de vinda das obras de uma represa, que podem gerar uma inundação completa do local, processo esse que marca a chegada da modernidade. E para evitar tal realidade as pessoas daquele vilarejo deveriam constatar por meio de uma comprovação científica o valor histórico de sua cidadela.

**Palavras-chave:** História – Memória, Historiografia, *Narradores de Javé*.

## **ABSTRACT**

This work analyzes the cinematographic work, *Narradores de Javé*, by filmmaker Eliane Caffé – 2013, having the problem of relating the concepts of history and memory, orality and writing, tradition and modernity, all of these working through the course of the plot. In view of this, the feature film focuses entirely on working memory, relating to everyday experiences in the village of Javé, which is a problem with the coming of the works of a dam, which can generate a complete flooding of the place, a process that marks the arrival of modernity. And to avoid such a reality, the people of that village should confirm through scientific evidence the historical value of their citadel.

**Keywords:** History – Memory, Historiography, *Narradores de Javé*

## SUMÁRIO

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                 | 9  |
| <b>CAPÍTULO 1: NARRATIVAS DE JAVÉ</b> .....                             | 13 |
| 1.1. Javé, história e narrativa.....                                    | 13 |
| 1.2. Fabricação da história: A questão da memória e patrimônio.....     | 18 |
| 1.3. Ausência da historicidade de Biá.....                              | 22 |
| <b>CAPÍTULO 2: UTILIDADE PARA MEMÓRIA, REFLEXÃO DE PAUL RICOUER</b> ... | 26 |
| 2.1. Memória e imaginação.....                                          | 26 |
| 2.2. Memória exercitada: Uso e abuso.....                               | 26 |
| 2.3. Memória pessoal e coletiva.....                                    | 29 |
| 2.4. Memória arquivada.....                                             | 35 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                       | 40 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                 | 42 |



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como objetivo analisar a obra cinematográfica *Narradores de Javé* (2003), e a problemática a ser trabalhada, está relacionada aos conceitos de história e memória, oralidade e escrita, tradição e modernidade, memória coletiva e individual, trabalhando estes por meio da correlação presente na trama. O longa-metragem da cineasta Eliane Caffé tem como temática: memória e a relação desta com experiências pessoais e coletivas dos personagens que aparecem durante o decorrer da produção; deste modo todo o enredo da obra fílmica gira em torno do vilarejo do Vale do Javé, que seria inundado pelas obras de uma represa caso não houvesse comprovação científica que a cidadela pudesse ser tombada como um patrimônio histórico.

Para tal desfecho, a aplicação da memória oral e a oralidade, são a única forma de salvar o Vale do Javé, principalmente pelo fator do analfabetismo da comunidade, sendo assim o carteiro local é escolhido como o escritor/historiador, pela sua ampla relação com a comunidade; no entanto, o que se vê ao longo do desenrolar da trama, é a dificuldade de escrever uma história para a cidadela, que ocorre por fatores como a falta de um arcabouço teórico e metodológico. No decorrer da obra fílmica, somos introduzidos à cinco micronarrativas que são construídas de variadas formas, destacando-as como a experiência do vivido, se colocando no lugar dos personagens de sua própria história.

Sendo assim, nos últimos tópicos do capítulo primeiro são abordadas as problemáticas de escrever uma história, partindo do pressuposto da falta de historicidade do carteiro Antônio Biá, para com o trabalho com a memória; pois historiadores tem a consciência do valor de temporalidade, sentido cronológico e o enfrentamento da mudança. História e memória, são construções que ocorrem em um campo de disputas apresentadas na película, em cada família de morador se tem uma versão, e a construção de um passado importante para o vilarejo (partindo de interesses pessoais e familiares).

A chegada dos engenheiros para a construção da represa, será o ponto de embate de comunidades, pois estes veem o vilarejo como uma “cidade perdida”, seres parados no tempo, tal perspectiva abordada pelos trejeitos de sua regionalidade como a vestimenta, costumes religiosos, falta de luz elétrica. Os traços do passado possuem

um seguimento de temporalidade objetivas e acumuladora, sendo assim, as marcas da passagem dos anos e seu uso de consumos pelos agentes sociais.

O ofício do historiador atinge uma convecção no trabalho individual e coletivo, a mobilidade da história e a historiografia levam uma grande parte dos historiadores à abonar a escrita da história, pois este não deve ignorar as múltiplas formas de testemunho, dentre esses os não escritos. A obra cinematográfica aborda sobre a ciência e o discurso de poder, caracterizada como uma fabula sobre a crise da modernidade, e as questões sobre a importância da identidade da própria cultura, das crenças e as relações com o povo e sua terra.

Partindo para o capítulo seguinte, a obra usada foi “A memória, a história, o esquecimento” (2007), abordando o uso e abuso da memória, as reflexões sobre a memória individual e coletiva. Vale ressaltar, a ênfase na epistemologia do conhecimento histórico, e na autonomia epistemológica da ciência histórica, no que se refere a fase documental. Tais particularidades estando diretamente relacionada á memória como um “plano formal”, como o testemunho em que sua manifestação se insere, assim como um documento de arquivo; para passar confiabilidade aos historiadores sobre a questão da memória como objeto/campo de estudo da História.

Paul Ricoeur trabalha com os fenômenos mnemônicos, partindo de um ponto de vista das capacidades de uma memória “bem-sucedida”. Ainda se valendo disso, a memória está vinculada a de ser fiel ao passado, e partindo desse ponto vemos as dificuldades como o esquecimento; porém, devemos tratá-la como oposto pois o esquecimento é uma sombra da região iluminada da memória, ligando assim o que se passou antes para transformar em memória depois. Conforme o observado, a memória serve para significar algo que aconteceu, e com isso surgem os falsos testemunhos, que são desmascarados por uma iminência crítica cujo único recurso a ser usado é se opor aos testemunhos suspeitos a outros mais confiáveis, constituindo uma estrutura fundamental na transição entre memória e a história.

A medida que a imagem se aproxima da alucinação da imaginação, se constitui uma certa fraqueza, descrédito e a perda de confiabilidade na memória, dessa forma a escrita da história partilha das formas entre imagens da lembrança sob a segurança da função conhecida da imaginação. A busca de uma verdade intrínseca na memória, como grandeza cognitiva - precisamente no momento de

reconhecimento, que complementa o esforço da recordação, que faz a busca da verdade - temos a certeza que algo de passou ali e/ou que algo teve haver.

Para Paul Ricoeur, existe uma linha de raciocínio na qual a memória está sendo manipulada pelos detentores de poder, sendo assim visível os abusos da memória. A manipulação memorial, está estabelecida na problemática da memória e das identidades coletiva e pessoal, buscando assim uma memória da reivindicação da identidade, expondo o excesso de memória em que tal região do mundo é mais limitada que a outra. Há uma ideologização da memória, presente na narrativa abordada, pois se torna possível pelo meio da troca de recursos submetidos pelas narrativas, sendo assim a função seletiva da narrativa que possui manipulação depara-se com as estratégias do esquecimento, quanto a de rememoração.

O trauma como o tema principal na substituição de uma lembrança, provavelmente será por meio da repetição da descrição dos fatos traumáticos e na determinem que o analisado se apoiará. Com isso, ao longo do processo histórico de uma comunidade afeta a memória coletiva, tornando construção dos sentidos do passado um trabalho doloroso, a ligação entre memória impedida e o esquecimento é prejudicial, onde que impede versões que possam vir a consciência em que no espaço público possa ser reconstruída (permitindo assim, o fechamento da memória manipulada).

A manipulação da memória serve para história formal, conduzindo a que memória construída por certos grupos acabam se tornando uma história "oficial", por meio da análise dos abusos da memória é fundamental para ofício do historiador. Recordar é a prova de que o esquecimento não dissipa seus rastros, apenas nos designa das memórias, assim na perspectiva de Ricoeur a uma esfera de uma memória pacificadora. A memória fenomenológica se estende para a realidade social, visto que na memória a vários traços de uma progressividade em relação ao outro; um exemplo é as memórias de logo prazo, um dos traços mais fortes na cultura, sendo usada por todos os indivíduos da mesma comunidade. Sendo assim, as manifestações mnemônicas se interagem no coletivo, que acrescenta o sujeito a tais lembranças; tendo assim um vínculo entre a memória privada e o campo social.

A memória arquivada, tendo o ponto de partida para o destino do tempo e o do espaço; tempo humano e espaço humano; com a intenção de investigação ao

reconhecimento da realidade temporal da condição humana. Colocando o protagonista de uma história narrada e os acontecimentos narrados de desenrola, cujo o perfil mais abordado começa com “eu estava lá”.

O arquivo para o historiador é seu objeto de estudo na medida que os rastros foram conservados, pela instituição com o fim de serem consultados em um futuro, a uma noção de prova documental; o documento comprova fatos afirmados em termos representativos, mas esses fatos não devem ser confundidos com o que aconteceu realmente ou com o conteúdo de memórias vivas das testemunhas.

## CAPÍTULO 1: NARRATIVAS DE JAVÉ

### 1.1. JAVÉ HISTÓRIA E NARRATIVA

Com objetivo de analisar com mais profundidade a temática problematizada pelos conceitos de história e memória, tomamos como objeto de estudo a produção cinematográfica de Eliane Caffé, *Narradores de Javé*, um drama lançado em 2003. O longa-metragem conta com alguns atores de repercussão no cenário nacional, acumulando vários prêmios internacionais, como prêmio da crítica no *Festival Internacional de Fribourg*, Suíça em 2003; prêmio de melhor filme no *Festival Internacional de Cinema de Punta del Este* e no *V Festival de Cinema de 3 Aques* em Quebec, Canadá.

O enredo desta obra fílmica se desenvolve em torno da história do vilarejo Vale do Javé, que seria inundado pelas obras de uma represa caso não houvesse a comprovação, por meio de uma documentação específica, de que a cidade é um patrimônio histórico. A aplicação da memória oral surge como a única forma de salvar o vilarejo, porém alguém deve registrar os eventos, uma vez que os moradores são analfabetos; a principal ferramenta da memória oral e a oralidade que estava expresso no cotidiano e nas histórias contadas. Nesse sentido, propomos sistematizar as diversas narrativas apresentadas nessa obra conforme o decorrer da trama. É perceptível a dificuldade que *Antônio Biá*<sup>1</sup> tem em constituir um memorial da quase cidadela fictícia, pela falta de entendimento de conceitos e do próprio ofício do historiador, bem como os registros de memória, principalmente a afetiva.

Não obstante, todo o enredo coloca em debate a própria arte de narrar, começando quando um turista perde a balsa que o faria sair da cidade onde ele estava, com uma simples conversa de bar o personagem *Zaqueu*<sup>2</sup> iniciará a história de Javé, assim temos contato com a primeira narrativa a ser trabalhada. Por meio das palavras de *Zaqueu*<sup>2</sup> conheceremos o lugarejo de Javé, ao qual é perceptível uma das primeiras problemáticas da obra.

---

<sup>1</sup> José Dumont ator brasileiro.

<sup>2</sup> Nelson Xavier é um ator e diretor brasileiro.



Os moradores do vilarejo do Vale do Javé entram em pânico, pois recebem a notícia que sua vila será inundada para dar lugar a uma represa, assim o único modo de salvarem o local onde eles vivem é provar que o local abriga um patrimônio histórico. Seguindo, os cidadãos decidem escrever como nasceu o Vale do Javé, com a esperança de que fiquem sensibilizados com a história. Em um lugarejo onde a população era analfabeta e iletrada, surge a dúvida de quem iria ser o “historiador” a transcrever as narrativas orais da população para o papel; o escolhido para esse feito foi *Antônio Bia*<sup>1</sup>, o mesmo que havia sido expulso do lugarejo por escrever fofocas sobre os moradores quando trabalhava como carteiro. *Antônio*<sup>1</sup> acaba fazendo isso para não perder seu emprego, pois com a população iletrada e analfabeta a circulação de cartas era escassa.

Aceitando escrever a história do vilarejo *Antônio Biá*<sup>1</sup> começa uma peregrinação pelas ruas, em busca das “grandes histórias” de Javé, mas se depara com uma variedade de versões e desencontros dos próprios moradores. Quando *Biá*<sup>1</sup> se encontra com alguns personagens eles assumem o papel do narrador, abrindo assim seis micronarrativas, contando a história do surgimento de Javé. Várias são as histórias contadas pelos moradores sobre as origens da região e do povoado, cada morador ao falar dos heróis que conduziram a população para onde o Vale do Javé foi edificada, colocando assim seus antepassados e a si mesmo como herdeiros dessas histórias de grandes feitos.

A primeira história apresentada pelo personagem *Zaqueu*<sup>2</sup> é um antigo morar e aparentado do fundador chamado *Sr. Vicentino Indalécio da Rocha*, os dois possuem o mesmo nome. Este vem a ser o líder responsável pela travessia de um grupo de pessoas que foram expulsas de suas terras pelo rei de Portugal; este sendo,

---

<sup>3</sup> Zaqueu<sup>2</sup>, expondo a história de Javé para as pessoas presentes no bar.

o desfecho que os fez chegar em uma nova terra a qual foi constituído o Vale do Javé que vem a ser a nova habitação. *Zaqueu*<sup>2</sup> constrói a imagem desse líder (*Indalécio*) como um nobre cavaleiro envolto em uma armadura, montado em um cavalo branco, assim como a estampa de São Jorge.



4



5

A segunda narrativa é apresentada na ótica de *Maria Dina*, uma heroína descrita por *Deodora*<sup>6</sup>, que figura nela sua própria representação, ela como uma descendente direta de *Maria Dina*, em sua explicação *Indalécio* ferido não conduzia sua gente para um novo lugar, nesta narrativa o herói é substituído por uma heroína, a mulher capaz de conduzir o seu povo. Essa versão é contestada pelo morador *Firmino*<sup>7</sup> alegando que Maria Dina era uma louca que perambulava pelo sertão, contradizendo versão de *Deodora*.



8

<sup>4</sup> Vicentino dando seu testemunho para Biá; apresentando Indalécio.

<sup>5</sup> Indalécio montado em um cavalo, fazendo a referência a São Jorge.

<sup>6</sup> Atriz Luci Pereira.

<sup>7</sup> Ator Gero Camilo.

<sup>8</sup> Deodora e Firmino, discutindo sobre a sanidade da Maria Dina.

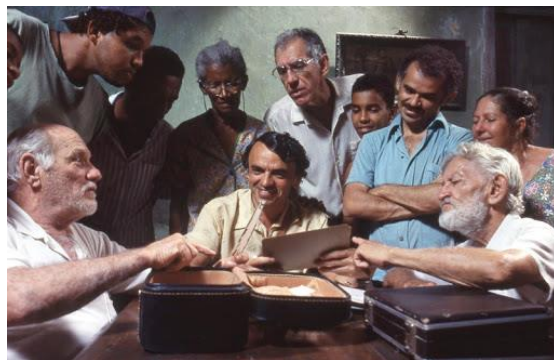


9



10

Terceira narrativa apresentada foi a de *Gêmeo e o Outro*, dois irmãos que fogem do feito heróico ao explicarem a respeito do casamento dos pais e da relação da mãe com os irmãos, que resultaria na indiferença de filiação entre os dois. Os gêmeos colocam em cena as tensões familiares como a posse de terras que estariam os restos mortais do fundador da cidade, o *Indalécio*.



11

*Indalêo*, um herói negro, é apresentado na quarta narrativa por um líder de uma comunidade aparentemente quilombola distante do Vale do Javé, para este líder o Brasil é uma parte da África e *Indalêo* era o chefe de guerra que conduziu seu povo até o Vale, lugar onde morava Oxum<sup>12</sup>, orixá<sup>13</sup> das águas. Por último somos

<sup>9</sup> Maria Dina, sendo mostrada como a heroína que salvou Javé.

<sup>10</sup> Firmoni aborda Maria Dina como louca.

<sup>11</sup> Gêmeo lado esquerdo; Outro lado direito. Contado a história dos seus pais.

<sup>12</sup> Oxum é a rainha das águas doces dos rios e das cachoeiras, cultuadas no candomblé e também na umbanda.

<sup>13</sup> Orixá são divindades da mitologia africana ioruba que popularizaram no Brasil com as religiões de matriz africana Umbanda e Candomblé.



apresentados a *Daniel*, um jovem morador que mostra seu sentimento de pertencimento ao lugar, apresentando seu pai Isaias no centro da história com um passado heróico, com a ausência constante de sua mãe, a sobrevivência na pobreza até a morte de seu pai.



14



15

As cinco micronarrativas apresentadas são construídas de forma diferente, são versões contadas por cada um desses narradores, assim cada narrativa que se abre, surge um narrador diferente, que elabora sua versão da origem de Javé conforme seus interesses ou sua experiência de vida e a sua própria memória. A linguagem usada na obra cinematográfica varia a cada personagem, esse recurso e usado na construção de cada narrativa chama a atenção para a construção diferenciada de narrador em cada uma, além de que a relação variada que esses narradores possuem com a memória e a experiência.

Visto que a narrativa de *Zaqueu*<sup>2</sup>, dentro da qual se inclui as cinco micronarrativas, também vemos um narrador que lida de forma diferente com a experiência e a memória; trata-se de alguém que não estava presente na situação que ele descreve como sua própria vivência, e que acaba por construir os demais personagens, relatando assim a memória da comunidade aos demais presentes.

---

<sup>14</sup> Indalêo o herói negro.

<sup>15</sup> Daniel contando a sua história para o povoado de Javé.

Segundo Luciana Amorim <sup>16</sup>(2008), “a estrutura de narrativas do filme chama nossa atenção por abordar a estrutura imperfeita da memória, feita de esquecimentos e incorporando elementos que dizem do narrador e do outro”. A partir dessa estrutura que a montagem trás, voltado para o tema da obra, partindo da incapacidade de dar um fio ao objetivo que os narradores possuem, que pode refletir sobre a construção da experiência da memória feito pelo próprio filme. Cada narrativa iniciada da obra cria-se para si um narrador, que conforma a uma pessoa com um saber, uma voz que organiza os demais elementos que contem em uma narrativa, este narrador baseasse em sua experiência, constrói uma narrativa de memória, na tentativa de salvar a comunidade de Javé da inundação.

Do narrador clássico ao narrador pós-moderno, o que se percebe e a experiência, a matéria-prima da qual usamos para construir narrativas, primeiro usam a experiência do vivido, embutido nos ouvintes; no segundo a experiência do olhar, voltado para o testemunho e relatos. Assim entra em cena o papel da memória que estará presente do próximo tópico, usada não como um banco de dados, mas sim como um processo social que se dá a narrativa e que se pode ser constituída tanto da experiência do passado como uma perspectiva do futuro.

## 1.2. FABRICAÇÃO DA HISTÓRIA: AQUESTÃO DA MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

A obra fílmica aborda a memória dinâmica e não uma memória de fundo de baú, como estamos acostumados a ver, porém em alguns momentos no decorrer da obra ela é resgatada. Diante da ameaça de inundação das terras e da falta de comprovação de posse científica do vilarejo, surge a necessidade de usar a escrita, até então ignorada e deixada de lado, evidenciado na obra cinematográfica, será usada como última ferramenta. O trabalho da escrita apresenta a memória, evocando lembranças, a imaginação de um passado épico, a *grande* história de Javé, com heróis forjados – *Indalécio*, mulheres fortes e ousadas – *Maria Dina*.

---

<sup>16</sup> AMORIM, Luciana. **Narrativas da Memória um olhar para o filme Narradores de Javé**. Uberlândia, 2008.

História e memória são construções que ocorrem em um campo de disputas apresentadas na película, cada família e morador tem uma versão para construir um passado importante para o vilarejo, partindo de interesses pessoais e familiares. Vemos também o aproveitamento do personagem *Biá*, encarregado dos registros e o seu poder de escrita, escolhendo quem ele irá ouvir ou até mesmo pedindo favores em troca. A memória, como lembrança e esquecimento seleciona a partir das aflições individuais e coletivas do presente, fatos que devem ser lembrados ou esquecidos. O filme aborda diferentes visões do passado, cada uma com sua legitimidade, como as disputas entre os irmãos, o herói versus a heroína, causando a disputada por uma memória *épica* com grandes feitos, ou até mesmo por um passado fracassado.

A memória oral com todos os seus conflitos torna-se uma narrativa fixa, e na obra cinematográfica vimos a necessidade de tornar a verdade científica, comprovada e documentada para escrita. Como Lefebvre aborda o *terror da escrita*<sup>17</sup>, expõem os conflitos vividos na modernidade ocidental que processa e faz um conflito ao abandonar a tradição oral e associa-se a escrita como a linguagem principal e de maior poder.

Memória é a matéria prima da história, produzida em um campo de poder, assim evidenciado na obra cinematográfica por uma disputa por registrar lembranças de pessoas com maior prestígio. O historiador Le Goff <sup>18</sup>(1996) explica que as sociedades “cuja a memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita”, permite a compreensão a luta pelo domínio da memória, abordando que a história e memória são construções que ocorrem em um campo de disputas como a película nos mostra, em que cada família, cada morador possui uma versão, constrói assim um passado para Javé, partindo de interesses pessoais e familiares.

Ainda não obstante, o ato de escrever para Javé é algo temível, assim como diz Lefebvre (1991), a *escrita e anti-fala*; assim a escrita atinge completamente a tradição oral.

O importante é notar o caráter imperativo da escrita e do inscrito e sua duração. A escrita é lei (...) ela obriga pela atitude imposta, pela fixação, pela

---

<sup>17</sup> LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1996.

recorrência implacável, pelo testemunho e pela historicidade assim estabelecida para a eternidade”. (LEFEBVRE. pg.164 – 165. 1991)

A tradição oral em algumas sociedades não há necessidade de memorização integral, palavra por palavra. Entre tanto, o comportamento de narrar tendo um papel *mnemônico*<sup>19</sup> tem a função de dar uma atualização ao passado, fica visível no filme a principal concordância em algumas narrativas são os limites cantados da terra atribuída e cultivada por cada família, como exemplificado em:

Enquanto a reprodução mnemônica palavra por palavra está ligada à escrita, as sociedades sem escrita, executando certas práticas de memorização das quais principalmente é o canto, atribuem a memória mais liberdade e mais possibilidades criativas<sup>20</sup>. (BERGAMASCHI, APUD LE GOFF, pg.3. 2010)

Por sua vez, Maurice Halbwachs (1990), sociólogo da tradição da sociologia francesa, herdeiro de Émile Durkheim<sup>21</sup>, e primeiro estudioso das relações entre memória e história, em *A memória coletiva*, a memória reflete em vários quadros sociais, segundo Halbwachs<sup>22</sup>, lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir e repensar com as imagens e ideias de hoje e as experiências do passado, cada memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, criada a partir de relações sociais e do reconhecimento do indivíduo.

Ou seja, pode-se perceber que no decorrer da trama *Narradores de Javé*, é incessantemente rememorado e reconstruído a cada contar, expondo cada uma de suas experiências com elementos do presente que possuem a sua condição e com a expectativa do futuro.

Ainda assim, a história faz da memória uma de suas marcas de *historicidade*, mesmo que a faça lembrar um relato particular apoiando-se em frases como “eu creio que me lembro” ou algo mais expressivo como “ouvi dizer que”. A história se propõe como um apontamento duradouro no tempo, fixar os acontecimentos pela

---

<sup>19</sup> Utilizado para aumentar ou ampliar a memória; mecanismos utilizados para desenvolver a memória.

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1996.

<sup>21</sup> Émile Durkheim foi um psicólogo, filósofo e sociólogo francês do séc. XIX

<sup>22</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

narrativa escrita e a adotar uma permanência. Nesse sentido que a memória, marca a historicidade e traz para o campo da história um elemento importante o testemunho.

De acordo com Pesavento<sup>23</sup> (2005) recuperar o passado de uma cidade não apenas registrar as lembranças mas relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativo do contexto urbano. Entretanto no decorrer da obra cinematográfica a falta de conhecimento teórico e metodológico de *Biá*, como destacado por Pesavento, não é aplicado por ele apenas registrar as lembranças dos moradores mais importante ou que ele conseguia alo em troca.

Porém o resgate do passado demanda em ir além da atribuição, para os domínios simbólicos e da sensível. Ao preservar a cidade do passado o importante é afirmar imagens e discursos que possam atribuir com a identidade urbana, um conjunto de interpretação que a faz particularizar a história. Ou seja, para o resgate da memória e da história de uma cidade e favorável convocar e recolher registros de uma outra época, alguns testemunhos e traços de diferentes situações que possam dar conta das transformações do espaço urbano.

Toda via, “a história enfrenta o desafio do tempo físico e do tempo social, buscando ver, no presente, uma cidade do passado que se apresenta, com frequência, como uma ‘*cidade perdida*’, Pesavento <sup>24</sup>(2005). Como apresentada na obra fílmica, a chegada dos engenheiros que iriam construir a represa, vê o vilarejo como uma “*cidade perdida*”, parado no tempo, trejeitos de sua regionalidade como a vestimenta, costumes religiosos, falta de luz elétrica. Traços do passado possui um seguimento de temporalidade objetiva acumulada, sendo assim, marcas da passagem dos anos e seu uso de consumo por atores sociais; algo que o vilarejo não fazia, como as datações das construções ou de moradores.

Com as datações e anotações feitas por alguém do vilarejo o escritor *Antônio Biá*, teria uma certa facilidade de escrever a história da pequena cidadezinha, pois resgataria a capacidade de inspiração de significado a cada fragmento do passado para assim recriar imageticamente o surgimento do lugarejo. Assim sendo,

---

<sup>23</sup> PESAVENTO, Sandra. **Cidade, espaço e tempo: Reflexão sobre a memória e o patrimônio urbano**. Periódicos UFPel. P.207 e 216, dezembro 2020

<sup>24</sup> PESAVENTO, Sandra. **Cidade, espaço e tempo: Reflexão sobre a memória e o patrimônio urbano**. Periódicos UFPel. P.207 e 216, dezembro 2020

consistimos na *memória voluntária e social*, para Pesavento (2005), “e uma espécie de trabalho no qual o indivíduo se empenha para tornar presente no espírito a experiência vivida do passado”, todo humano que rememora, por ideias, imagens e palavras.

Ou seja, a *memória social* irá se transformar em *memória coletiva*, que condiz ao modo como uma comunidade passa a construir e transmitir seu passado, institucionalmente e culturalmente. Vimos que a *memória coletiva* do lugarejo Javé é feita de grandes heróis, como *Indâlecio* e *Maria Dina*; pois a população possui uma memória seletiva, na qual são transpostas as experiências do vivido e tornando assim patrimônio que recupera do passado. Portanto, *Antonio Biá* não tinha nenhum arcabouço histórico apenas sabia escrever, a história se apodera da memória, social e coletiva e assim retrabalha preenchendo lacunas, dando voz ao silêncio e revelando sentidos; uma cidade inventa seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente.

Sendo assim, as cidades do passado seria consequência de uma reunião de saberes, contendo a sensibilidade, apreensão afetiva e emotiva do mundo; podemos perceber isso na obra cinematografia, quando os personagens iram contar a história de seus antepassados formasse uma roda em volta deles, contendo a atenção de todos, algumas efetivas e outras emotivas. Outro ponto presente do trabalho é a falta de historicidade de *Biá*, pois historiadores podem ensinar e criar consciência do valor de temporalidades do passado e o enfrentamento da mudança, algo que o personagem não possui e acaba não conseguindo transcrever as histórias faladas pelos moradores.

A memória em si e uma luta contra o esquecimento, a memória e a história poderiam ser definidas como uma atividade humana marcada pelo enfrentamento com o tempo, ocasionando os registros voltados para a durabilidade; como a estabilidade dos moradores do Vale do Javé. Vemos a *patrimonialização* do passado da cidade comprometia em assumir como propriedade cultural, que causaria uma aprendizagem, como reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, a partir da memória social, e assegurar um pertencimento.

### 1.3. AUSÊNCIA DA HISTORICIDADE DE BIÁ

Ao longo da obra cinematográfica, vimos a falta de metodologias e procedimentos além do historicismo de *Biá*, um carteiro que não sabe os mecanismos que os historiadores necessitam para produzir um conhecimento científica (historicidade). Para nosso entendimento *Biá* só não conseguiu reproduzir a história da cidadela de Javé, por falta de metodologias aplicadas que fazem parte do Ofício de Historiador.<sup>25</sup>

Marc Bloch foi um historiador francês e um dos fundadores da Escola dos Annales<sup>26</sup>, ele nos mostra que “a civilização ocidental sempre esperou muito da sua memória”, Bloch (2001), como vimos na seção, anterior a importância da história e memória, nesta ocasião a memória afeta o historiador pois serve como a principal matéria prima. *Biá* encontra dificuldade na escrita, pois o uso da memória oral carece de um saber sistematizado e um potencial de interpretação crítica, o que não é visto durante a trama; como em momentos nos quais é perceptível Antônio *Biá* tendência tornar alguns personagens como heróis das narrativas.

Enquanto escritor de histórias, *Antônio Biá* não possuía nenhuma dos critérios, anteriormente citados, o que nos traz vestígios positivistas; esses que tende a empobrecer o historicismo no século XIX, que limitava a história á apenas observação dos fatos, na busca de uma verdade absoluta. O trabalho dos positivistas se restringia apenas a “servir a ação”<sup>27</sup>, como foi visto através do protagonista , que exemplifica muito bem a falta de preparo para o trabalho com a memória, no qual apenas tentava rescrever, é desistia no meio do processo por descontentamento pessoal com o enredo de algumas vertentes de memória a qual teve contato com o vilarejo de Javé.

Ainda não obstante, compreender a história não é julgar, mas trazer uma visão analítica sobre a história o que implica o verdadeiro trabalho do historiador. Dessa forma o historiador peneira as narrativas, o que permite uma organização de conteúdos de forma racional, objetiva e cronológica. Assim Bloch nos mostra, como

---

<sup>25</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>26</sup> A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, na qual criticava a visão positivista e historicista perante a história.

<sup>27</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

um historiador deve conduzir sua análise com o auxílio de dupla linguagem, com a da época estudada com a atual, para não cometer anacronismo.

“O Ofício do Historiador: Reflexões sobre o conceito de passado em suas dimensões sociais e história”<sup>28</sup>, observamos que o tempo é uma categoria central da história, assim o homem aparece como o agente constituinte de sua própria história, buscando uma percepção de como a sociedade se encaixa no passado e conseqüentemente exerce o ofício do historiador. Toda via, na contemporaneidade a memória é caracterizada pelo tempo urbano e industrial, criando assim uma ferramenta para a legitimidade da história dos vencedores; algo que Biá insisti em reproduzir. Não obstante, o reconhecimento da memória é formado por grupos sociais minoritários, fazendo a separação de suas experiências sociais em uma concepção cultural ampla.

Percepção do passado desenvolveu, um meio de trocas sociais e culturais em períodos históricos, em que os mais velhos com a maior expressão das experiências, constituindo como os mediadores entre o passado e o presente:

A destruição – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal á das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. (PEREIRA COELHO, J. P.; PEREIRA MELO, J. J, Apud HOBSBAWM, 2010, p.13).

Dessa forma, as heranças do passado são bases para a manutenção e a sobrevivência das gerações futuras, fazendo assim a continuação social cultural produzido e acumulado por um povo. Vemos nas narrativas abordadas na obra cinematográfica, sendo passada de geração a geração; como uma arma usada pelo *Indâlecio*, uma marca de nascença “comprovando” a dinastia de *Maria Dina*.

Ao processo das memórias faladas e o grande desinteresse de interpreta-las, pois queria algo mais grandioso e heroico para os fundadores da cidadela, *Biá* não era um historiador com apetite, como Bloch nos mostra que “o bom historiador se parece como o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe ali está sua caça”<sup>1</sup>. O

---

<sup>28</sup> PEREIRA COELHO, J. P.; PEREIRA MELO, J. J. **O ofício do historiador: reflexões sobre o conceito de passado em suas dimensões sociais e históricas**. Revista História & Perspectivas, n. 57, 14 jun. 2018.



historiador *Biá* não tinha esse apetite por mostrar uma história, por exemplo, *Indâlecio* como um simples sertanejo que os guiou até Javé, mas sim um grande herói que subiu morros, atravessou rios e abateu sozinho um boi para alimentar o seu povo.

Portanto, não possuía nenhuma dos critérios, anteriormente citados, o que nos traz vestígios positivistas; esses que tendem a empobrecer o historicismo no século XIX, que limitava a história á apenas observação dos fatos, na busca de uma verdade absoluta, sendo assim deixando de ser, “ na ordem documentária, obcecado pelo relato, assim como, na ordem dos fatos, pelo acontecimento”, Bloch (2001), sendo assim cometendo vários erros de anacronismo.

Trazendo a arte técnica no cinema que faz “o traçado e a sacralização de um gesto do homem que desenha uma ideia da comunidade humana” ,<sup>29</sup>Rancièrè (2017), um complemento a historicidade<sup>30</sup> e sua história, traz a noção de história como uma categoria do tempo da comunidade humana. Assim uma historicidade é uma combinação de várias “histórias”, pois são divididas em três modo. A história como uma prática de memória a partir de crônicas e ilustrações dos fatos; a segunda aborda a história com um sentido moderno, uma ideia de libertação humana da opressão do capital e a divisão de classes; a terceira história é o pertencimento ao conceito de artes representativas, na qual uma “pintura histórica é julgada pela relação de conveniência que a disposição dos corpos sobre o quadro mantem com a natureza dos personagens memoráveis”, Rancièrè <sup>31</sup>(2017). Isso nos mostra a que o tipo de trama que a obra cinematográfica tem o dever de memorização que ele executa e a maneira de como afirma um destino comum.

O homem nitidamente usa métodos burocráticos e científicos, ocasionando a verdade como uma dar formas necessárias de encontrar segurança a atualidade; porém as águas da represa que invade a cidadela possui um significado de progresso, a chegada da “modernidade” no sertão, “salve-se quem puder na ‘liquidez’ científica”, diz Bauman (2001)<sup>32</sup>, segundo o autor, o termo “liquidez” aborda uma metáfora adequada para representar a natureza como uma fase na história moderna. A obra

<sup>29</sup> RANCIÈRE, J. A historicidade do cinema. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 44, n. 48, p. 245-263, 2017.

<sup>30</sup> RANCIÈRE, J. A historicidade do cinema. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 44, n. 48, p. 245-263, 2017.

<sup>31</sup> RANCIÈRE, J. A historicidade do cinema. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 44, n. 48, p. 245-263, 2017.

<sup>32</sup> BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

cinematográfica *Narradores de Javé*, aborda sobre a ciência e o discurso de poder, uma fabula sobre a crise da modernidade, com questões sobre a importância da identidade da própria cultura, das crenças e as relações com o povo e sua terra.

## CAPÍTULO 2: UTILIDADE PARA MEMÓRIA, REFLEXÃO DE PAUL RICOEUR

### 2.1. MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

Conforme as abordagens anteriores construídas com a aplicação da memória oral, questões de patrimônio histórico em forma de memória, a falta de metodologias e não saber o ofício de um historiador, todos os aspectos abordados serviram de base para o aprofundamento das teorias e argumentos apresentados por Paul Ricoeur.

A maior parte deste capítulo será abordado o livro de Paul Ricoeur, um filósofo francês, foi um dos principais pensadores do pós-guerra, herdeiro da fenomenologia de Husserl<sup>33</sup>, existencialista; Ricoeur tem uma ligação entre a fenomenologia e a análise da linguagem por meio da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. A obra a ser usada “A memória, a história, o esquecimento” (2007); esta obra é composta por três partes, delimitadas por um tema e por um método, no entanto o presente artigo dedica ao trabalho com a primeira parte, tem um enfoque da memória e os fenômenos *mnemônicos*<sup>34</sup>, o segundo momento é dedicado a história, procedendo de uma epistemologia das ciências históricas.

A principal temática que gira em torno da película *Narradores de Javé*, são as memórias narradas por cada morador, a fim de achar o fundador de sua cidadela para a escrita de um documento científico; com base nas memórias narradas podemos usar o filósofo francês Paul Ricoeur e seu livro “A memória, a história, o esquecimento” (2008), com pontos importantes de memória, história e narrativa.

Muitos autores quando abordam a memória a partir de seus defeitos, até mesmo partindo de suas discussões, no entanto Paul Ricoeur trabalha com os fenômenos *mnemônicos*<sup>2</sup>, partindo de um ponto de vista das capacidades de uma memória “bem-sucedida”. Com isso a memória está vinculada a de ser fiel ao passado; partindo desse ponto vem as dificuldades como o esquecimento, porém devemos

---

<sup>33</sup> Edmund Husserl (1859- 1938); foi um filósofo e matemático alemão, conhecido como o pai da fenomenologia.

<sup>34</sup> É um conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar no processo de memorização; consiste na elaboração de suportes esquemas.

tratá-la como oposto pois o esquecimento e uma sombra da região iluminada na memória, ligando assim o que se passou antes para transformar em memória.

Ainda não obstante, memória serve para significar algo que aconteceu, assim vem os falsos testemunhos, que são desmascarados por uma iminência crítica cujo o único recurso a ser usado é opor aos testemunhos suspeitos a outros mais confiáveis. Assim o testemunho constitui uma estrutura fundamental na transição entre memória e a história. Vimos na obra cinematográfica como o testemunho foi algo importante para a trama, porém vem os falsos testemunhos de *Antônio Biá*, querendo trazer algo hollywoodiano <sup>35</sup>para a história javélica.

O primeiro traço que caracteriza uma lembrança é a multiplicidade e os graus da distinção dela, pois a “memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças estão no plural: temos umas lembranças” Ricoeur (2008)<sup>36</sup>, vemos que a lembrança é tratada como mais discreta, não tão precisa, lembranças são como um fundo memorial, com o qual podemos nos apropriar dela.

O livro nos apresenta Bergson e sua obra *Matéria e Memória*<sup>37</sup>, abordando o *hábito e memória*, classificando assim as experiências relativas como o passado adere ao presente, incluindo assim costumes sociais e morais, todos os *hábitos* da vida, ligados a comemoração, fazendo assim uma ligação na qual pratica de rituais sociais estará interligada ao fenômeno de rememoração a memória privada; como visto na obra cinematográfica *Narradores de Javé*, a divisão dos territórios em forma de divisas cantadas, algo passado de geração a geração de seu fundador; este esforço de recordar, consiste em converter uma representação cujo alguns elementos se penetram em um só.

O esforço de recordação do esquecimento, nos oferece uma ocasião de fazer uma memória do esquecimento, na busca de uma lembrança verídica com as principais finalidades de uma memória, lutando contra o esquecimento, arrancando fragmentos de uma lembrança que com o tempo se perdeu. Assim o esquecimento continua como um paradoxo e uma enigma; assim como expõe Santo Agostinho,

---

<sup>35</sup> Indústria cinematográfica de Hollywood (Los Angeles, E.U.A).

<sup>36</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

<sup>37</sup> Henri Bergson, foi um filósofo e diplomata francês; com o livro *Matéria e Memória*, que se trata da questão da memória e em especial do problema das relações entre corpo e espírito.

“como falar do esquecimento senão sob o signo da lembrança do esquecimento, tal como autorizam e caucionam o retorno e o reconhecimento da tal ‘coisa’ esquecida”<sup>38</sup>

Sendo assim, o ato de recordação apoia-se em fotos, cartões postais, agendas, recibos, lembretes; assim Paul Ricoeur apoiasse na palavra *reminding*<sup>39</sup>, que a consistência de viver o passado rememorando acontecimentos ou alguns saberes partilhados, assim este processo memorial e interiorizado sob a forma de uma memória meditativa, onde se apoia em diários íntimos, autobiografias, onde ocorra um suporte para a escrita que a uma certa materialidade dos fatos, na maioria são usados como “você se lembra de quando ... nos ... você?”.

Há também a memória corporal, “eu estava lá”, memória está em doenças, feridas ou algum tipo de traumatismo do passado levaram a uma memória corporal; com isso está memória é repleta de lembranças afetadas por diversos graus de distanciamentos temporais, como a própria extensão do lapso de tempo pode ocorrer uma certa saudade e nostalgia. Quando ocorre a junção da memória corporal com a memória dos lugares é reconhecida como um dos atos mais importantes, pois para Paul Ricoeur (2003), “as coisas lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar”<sup>3</sup>; algo que constitui um feito chamado “lugares de memória”.

Os “lugares de memória”, como inscrições, monumentos, eventualmente são conhecidos como documentos, enquanto algumas lembranças são unicamente transmitidas por palavras, com este vínculo entre a lembrança e um lugar conta com uma problemática tanto histórica como geográfica; a qualidade de uma datação e as coordenadas certas da localidade.

Segundo o filósofo Bergson, o melhor a se fazer e escrever um diário, com datações e fotografias:

(...) a primeira registraria, em forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida diária, à medida que eles se desenrolam; ela não deixaria escapar nenhum detalhe; a cada fato, a cada gesto, deixaria o seu lugar e sua data (...).(RICOEUR, Paul. p. 58. 2008)

---

<sup>38</sup> Santo Agostinho (354-430) foi um filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do norte da África, durante a dominação romana; suas concepções sobre as relações entre a fé e a razão, entre a Igreja e o estado, dominaram toda a Idade Média e na Reforma de 1517.

<sup>39</sup> “Lembrar”.

Datações são contribuições para a primeira discrepância para a mnemônico dividido entre o hábito e a memória propriamente feita. Um erro cometido pelo fundador da cidadela de *Javé* foi não ter feito datações, ou a escrita de um diário para a comprovação do surgimento do vilarejo.

Seguindo essa linha de raciocínio, que a imaginação e a memória têm um traço comum, presença dado ausente, e um traço que os difere por um lado é a “suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal”, (Ricoeur, 2008); assim a lembrança é uma imagem que comporta uma dimensão que aproxima de uma realidade. Enquanto a imaginação pode se aplicar com entidades fictícias, não representando o real; a lembrança deve desprender da tutela da fantasia, do fantástico, sendo marcada por inatualidade e neutralidade.

A junção de todas as memórias, pura, de imagem, traz um sentimento de que já vivemos isso, corresponde a uma forma de imaginação, um meio termo de alucinação ou ficção; com isso tem a função da imaginação é: “trata-se de uma imaginação que mostra, que expõe, que deixa”. A esta dificuldade entre memória e imaginação, com lembrança e imagem, pois o fato que a lembrança é inseparável da imagem, mesmo não as confundindo, há uma diferença pois a memória, de que ela é individual até a coletiva, a uma dependência do elemento imagético.

À medida que a imagem se aproxima da alucinação da imaginação, constitui uma certa fraqueza, descrédito e a perda de confiabilidade na memória, assim a escrita da história patilha das formas entre imagens da lembrança sob a segurança da função conhecida da imaginação. A busca de uma verdade intrínseca da memória como grandeza cognitiva; precisamente no momento de reconhecimento, que complementa o esforço da recordação, que faz a busca da verdade, temos a certeza que algo de passou ali e que algo teve haver.

## 2.2. MEMÓRIA EXERCITADA: USO E ABUSO

Dando seguimento, o trabalho da historiografia faz uma crítica dos elementos fornecidos pela memória, confrontando fontes históricas com a conciliação da busca

por uma “verdade”, ou questionando as redundâncias da memória e o seu esquecimento.

O verbo “lembrar” para Paul Ricoeur, está ligada ao substantivo “lembrança”, quando Ricoeur nos apresenta a memória sendo algo relativo, tem sentindo de ela sempre será exercitada, sendo assim, não apenas lembrar o que se passou, mas executar algo em relação a essa lembrança. Assim, “o exercício da memória é o seu uso, e o uso comporta a possibilidade de abuso. É através dos abusos que a dimensão de veracidade da memória fica comprometida”, de acordo com Ricoeur (2007).<sup>40</sup> Todavia, o exercício da memória consiste em o uso e abuso dela, ressaltamos assim o uso da memória na maior parte da película aonde os moradores narram as suas histórias e lembranças passadas de geração a geração.

Segundo o autor, existe uma linha de raciocínio na qual a memória está sendo manipulada pelos detentores de poder, sendo assim fica visível os abusos da memória. A manipulação da memória está estabelecida na problemática da memória e da identidade coletiva e pessoal; buscando assim uma memória da reivindicação da identidade, expondo assim o excesso de memória em que tal região do mundo e mais limitada que a outra. “É na função seletiva da narrativa que à manipulação encontra estratégias tanto de esquecimento quanto de rememoração”, Ricoeur (2007)<sup>1</sup>.

Seguindo os apontamentos do autor, o escritor/historiador *Antônio Biá* usava muito a memória manipulada, na qual queria transformar as lembranças e narrativas dos personagens em grandes histórias hollywoodianas, tirando assim uma identidade regional; além de querer ouvir e escrever as memórias em troca de favores.

Assim, segundo Ricoeur, á uma ideologização da memória, pois se torna possível pelo meio da troca de recursos submetidos pelas narrativas, sendo assim a função seletiva da narrativa que possui manipulação depara-se com as estratégias do esquecimento quanto a de rememoração. “Reside aí um pacto terrível de rememoração, memorização e comemoração, e entra em cena a difícil questão do dever de memória” Ricoeur (2007)<sup>1</sup>.

Ainda não obstante, na perspectiva do autor a historiografia na cultura possui vários efeitos, como o da *memória impedida*; na qual é tratado a possibilidade de

---

<sup>40</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

repetição de experiência traumática e a utilidade da luta na história, também existe o campo de *memória manipulada* em que será retomado o uso e abuso da memória. As relações entre *memória impedida e manipulada*, estendem a questão de como o presente pode falar de seu passado e que forma pode transmitir essa determinada experiência.

Para a explicação da *memória impedida*, ele se apropria de dois textos de Freud, *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) e *Luto e Melancolia* (1915), assim Paul Ricoeur nos mostra duas teses sobre o perdão, o trabalho de elaboração e o luto, essas duas teses giram em torno de Freud<sup>2</sup>, retomando a imutabilidade do passado vivido, criando arranjos para lidar com o passado. A alusão a Sigmund Freud (e suas teorias freudianas), dá sustentação sobre as teses acerca do trauma vivido, reconhecida por uma repetição que não pode ser interpretada com uma mera lembrança.

A criação de arranjos para lidar com uma memória traumática e até mesmo o luto, e bem abordado com o personagem Daniel, lida com a memória traumática do abandono de sua mãe e a morte de seu pai, querendo que sua cidadela Javé não fosse inundada pois todas essas suas lembranças estavam enterradas ali, além de permanecer no seu subconsciente.

O trauma como o tema principal na substituição de uma lembrança, provavelmente será por meio da repetição da descrição dos fatos traumáticos e na determinação que o analisado se apoiará. Para Freud, o tema esquecimento serve como uma análise que ocorre em relações de espaço público, se vinculando a memória coletiva, assim tendo várias alterações nas lembranças, podendo ser consideradas como falsas, pois há uma certa defesa do inconsciente. Sendo assim, essas defesas são possíveis de observar na vida cotidiana pública que se aplica na memória coletiva, “categorias psicanalíticas ao âmbito público e procura lançar luz á problemática encontrada com relação aos usos e abusos da memória coletiva, tendo por base categorias de demanda de luto na história”.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> SILVA, Carolina; VENTURA, Juliana; PEREIRA, Matheus. **Os conceitos de memória impedida, memória manipulada e esquecimento de reserva em “A memória, a história, o esquecimento” de Paul Ricoeur: entre o trauma e a conciliação.** Ed. Mariana – MG. 2010.



Com isso, traumas ao longo do processo histórico de uma comunidade afeta a memória coletiva, tornando construção dos sentidos do passado um trabalho doloroso, e quando se torna particular se torna luto; o impedimento da memória é um obstáculo na elaboração de experiências históricas e traumáticas. Ricoeur adverte que a ligação entre memória impedida e o esquecimento é prejudicial, onde que impede versões que possam vir a consciência em que no espaço público possam ser reconstruídas, dando aos outros passados; dando assim fechamento da *memória manipulada*.

Ao tratarmos de *memória manipulada*, está relacionada ao campo de poder, sendo assim versões da memória e esquecimento são construídas e forjadas, “a especificidade dessa segunda abordagem situa-se no cruzamento entre a problemática da memória e da identidade tanto coletiva como pessoal”, Ricoeur (2007), vemos que a problemática se constitui na mobilização de memórias está a serviço da reivindicação de identidade. As manipulações da memória são colocadas na tentativa das expressões públicas de identidade e memória, de acordo com Ricoeur, são processos ideológicos, fundamentais à construção de narrativas e o papel da narrativa é indispensável para a constituição e modificação da identidade.

Segundo Paul Ricoeur, a ideologia exerce a função de legitimação de sistemas de poder vinculado por ações sócio culturais, concluindo assim que as narrativas pode ser uma armadilha para a formação das lembranças, partindo desse domínio que a memória tem a possibilidade de ser reconstruída. Tendo em vista, a memória é associado ao esquecimento e um ponto para entender sua manipulação, no campo do abuso de memória o autor divide o esquecimento em passivo e ativo; passivo, “é considerado como forma patológica de esquecimento”; ativo, “constitui-se por meio das relações sociais marcadas pela ideologia, políticas e relações de poder”,

A manipulação da memória serve para história formal, conduzindo a que memória construída por certos grupos acabam se tornando uma história “oficial”, por meio da análise dos abusos da memória é fundamental para ofício do historiador. Todavia, os caminhos trilhados por *Bíá* estavam corretos, de querer manipular a memória narrada dos habitantes de *Javé*, para uma inscrita melhor e fazer o seu documento oficial.

Ainda não obstante, recordar é a prova de que o esquecimento não dissipa seus rastros, apenas nos designa das memórias, assim na perspectiva de Ricoeur á uma esfera de uma memória pacificadora. O embaraçoso problema do esquecimento tem um papel primordial no quesito abuso de memória, quando abordamos a *memória manipulada*, “a certo tipo de esquecimento que denominaríamos ‘artificial’”<sup>3</sup>, no que tange a *memória impedida* podemos comparar uma forma de arquivamento da memória; na *manipulação da memória* o esquecimento tem um papel de arquivamento de fatos, experiências e acontecimentos. Ao escrever uma história todas as abordagens de memória têm o seu papel de restaurar as perdas dos rastros e narrativas, tendo um papel de repetir os meus erros no tempo presente.

### 2.3. MEMÓRIA PESSOAL E COLETIVA

O conceito de memória coletiva e de fato o oposto da memória individual, a memória compartilhada/coletiva está ligada as ciências sociais, pois a memória em si apoia-se nas experiências de um indivíduo, não reagiria a cientificidade. Assim o filósofo francês Ricoeur (2007), vê uma possibilidade da relação entre as correntes de pensamento, com isso ele faz uma análise usando alguns filósofos como: Santo Agostinho<sup>42</sup>, John Locke <sup>43</sup>e Edmund Husserl.<sup>44</sup>

Em relação a Santo Agostinho, que o nosso interior está conectado na busca por *Deus*, sendo este encontrado em nossas próprias memórias, naturalmente a noção de tempo se encontra com a nossa alma, contradizendo os princípios aristotélicos sobre o tempo; “espírito e memória coincidem totalmente, e lembrar é lembrar-se de si e remeter a própria interioridade”<sup>45</sup>. Podemos relacionar a *Maria Dina*

---

<sup>42</sup> Santo Agostinho (354-430) foi um filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do norte da África, durante a dominação romana; suas concepções sobre as relações entre a fé e a razão, entre a Igreja e o estado, dominaram toda a Idade Média.

<sup>43</sup> John Locke (1632-1704) filósofo inglês, representante do empirismo (doutrina que afirmava o conhecimento era determinado pela experiência).

<sup>44</sup> Edmund Husserl (1859- 1938); foi um filósofo e matemático alemão, conhecido como o pai da fenomenologia.

<sup>45</sup> CORÁ, Elcio; VIEIRA, Allan. **O Olhar Fenomenológico de Paul Ricoeur sobre a memória. Tabulae – Revista de Phiposophia**; SC – 2012.

e *Deodora*, ao rememorar a heroína ela remete a si mesmo, mostrando assim sua decência com marcas de nascença.

Locke usa três conceitos, primeiro a identidade (*identity*), o que se remete a um conhecimento da pessoa em manter-se igual a si mesma em sua disparidade próxima ao outro. A segunda e a terceira são, consciência (*consciousness*) de si (*self*) do homem que pensa; estando assim ciente da capacidade de memória, sendo a identidade e dependente de uma consciência, deste modo tem habilidade de criar uma memória, “o que o sujeito é se identifica com suas lembranças”<sup>46</sup>. Algo usado na maioria das memórias e lembranças usadas no decorrer da película. Segundo Ricoeur, a falta de intencionalidade faz com que Locke organiza uma caracterização de memória carente de lembrança, sendo assim a vida permite que pense em parte de si mesmo; a existência continua tende a superar a consciência.

Segundo, Husserl, dá a prioridade para a memória individual, “até mesmo no que se diz respeito á noção de tempo, que é condição para a existência de algo que tenha duração”, Ricoeur (2008), a percepção do tempo emana da duração dele, sendo assim a esfera de memória coletiva fica prejudicada considerando o conjunto da memória individual. Nesse conceito, podemos atribuir a memória privada trazendo para o plano de coletividade: *minhadade*<sup>47</sup>, polarização entre passado e futuro, onde são campos intersubjetivos da memória que fornece uma base a escrita da narrativa histórica. No campo da fenomenologia da consciência íntima do tempo, a consciência do tempo é algo íntimo, porém não a intervalos entre consciência e tempo, relembando assim Santo Agostinho<sup>1</sup>, pois ele desassocia o tempo da alma física.

A memória na esfera da coletividade, traz Maurice Halbwachs<sup>48</sup>, pois as lembranças estaria associadas a grupos, famílias, amigos, lugares visitados entre outros, sendo assim, funcionaria como um apoio para as lembranças, dando suporte de uma forma recíproca; sem este apoio e reciprocidade nossas lembranças desapareceriam caso não fizéssemos parte de uma coletividade. No ponto de vista de

---

<sup>46</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

<sup>47</sup> O narrador, não se recorda somente dos acontecimentos passados, como também de sua ação enquanto ator histórico, como participante dos eventos narrados.

<sup>48</sup> Maurice Halbwachs (1877- 1945), sociólogo da tradição da sociologia, primeiro estudioso das relações entre memória e história.

Ricoeur, a memória em si busca algum aspecto social, “esse ato de recordação é cada vez nosso:

(...) embora a memória coletiva extraia sua força e duração do fato de que um conjunto de homens lhe serve de suporte, são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo. Agrada-nos dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupa (...). (RICOEUR, Paul. p.133. 2008)

A memória fenomenológica se estende para a realidade social, visto que na memória a vários traços de uma progressividade em relação ao *outro*; um exemplo e as memórias de logo prazo, um dos traços mais fortes na cultura, sendo usada por todos os indivíduos da mesma comunidade. Sendo assim, as manifestações mnemônicas se interagem no coletivo, que acrescenta o sujeito a tais lembranças; tendo assim um vínculo entre a memória privada e o campo social.

No ponto seguinte, é o encontro entre o *eu* e os *outros*, constitui a memória traumática, no qual, por meio da superação dessas memórias faz-se necessário um acompanhamento médico, “trazendo à tona tais lembranças recalçadas na forma de narrativas; esta, por sua vez, possui um inegável caráter público inerente a sua natureza<sup>49</sup>”. Com esses exemplos, entre uma memória coletiva e uma memória pessoal, o filósofo sugere que há uma dimensão centralizada, na qual existe uma troca de lembrança, entre o *eu* e os *outros*; este agente, se juntam para formar o *próximo*. “Os *próximos*, essas pessoas que contem para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre si e os outros”.

Ao mostrar os pressupostos de cada vertente, Ricoeur (2008) busca fazer a comparação entre elas, a subjetividade e a objetividade são estudo a fim de recuperar aspectos em comum; na fenomenologia da memória desenvolvia pelo Paul Ricoeur, entende-se que é uma fenomenologia da realidade social, por causa da relação com o *outro*. Um exemplo é a *memória declarativa*<sup>50</sup>, entrando no campo da linguagem, onde a traços fortes da cultura, sendo usada por apenas indivíduos que constituem uma sociedade; as manifestações mnemônicas subdividem até depender de algo que se apropria do coletivo em que incluem o sujeito a tais lembranças. Ao final dessas

<sup>49</sup> CORÁ, Elcio; VIEIRA, Allan. **Fundamentos filosóficos em Paul Ricoeur para os mais variados textos. Revista Pandora Brasil** - 2012

<sup>50</sup> Memória declarativas: são memórias de longo prazo da qual você se lembra depois de pensar conscientemente sobre isso.

reflexões, Ricoeur acredita ser possível fazer uma ligação entre memória individual e coletiva, pensando a escrita da História tendo como base o eu, outros e próximos.

#### 2.4. MEMÓRIA ARQUIVADA

O *espaço habitado*, e a iniciativa para o estudo da *memória arquivada*, tendo o ponto de partida para o destino do tempo e o do espaço; tempo humano e espaço humano; com a intenção de investigação ligado ao reconhecimento da realidade temporal da condição humana. Colocando o protagonista de uma história narrada e o tempo onde os acontecimentos narrados se desenrola, cujo o perfil mais abordado começa com “eu estava lá”.

O tempo vivido e a memória se encontram, “em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e o agora absoluto da experiência viva”, Ricoeur (2008)<sup>51</sup>, a relatividade entre oralidade e a escrita pode ser vista de um lado a geografia (cartografia) e historiografia. Método usado por *Antônio Biá*, visitando alguns moradores e ouvindo suas lembranças, como a visita ao quilombo.

Assim, temos uma espacialização corporal e ambiental relativo à rememoração, ter morado em uma casa em alguma cidade ou viajado para algum lugar do mundo, são memórias íntimas, mas ao mesmo tempo uma memória compartilhada entre algumas pessoas próximas, dessa maneira “nessas lembranças tipos, o espaço corporal é imediato vinculado ao espaço do ambiente”, Ricoeur (2008). De uma memória compartilhada passa a ser uma coletiva por fazerem ligações, “experiências vividas que foram introduzidas a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão”, Ricoeur (2008).

Ainda não obstante, trazendo para urbano mostra melhor o trabalho de tempo no espaço, pois ao olharmos para uma cidade podemos ao mesmo tempo ver e ler ela, “o ato arquitetural na medida em que este se determina em relação com uma tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição”

---

<sup>51</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008

Ricoeur, (2008). Dificilmente algo que vemos na cidadela de Javé, pois é um vilarejo para no tempo, duvidosamente podemos saber trabalhar, ler e saber de sua história.

Tempo da história e da memória, tem um certo sentido a datação, enquanto a um fenômeno de inscrição, algo originário como uma profundidade temporal. Para Santo Agostinho, Kant, Husserl, Bergson, para todos a extensão temporal e um fato primitivo, por fazer perguntas como: “quando? ”, “quanto tempo? ”, “durante quanto tempo? ”; pertencentes a um plano que a memória qualifica:

No que concerne particularmente ao tempo da memória, o ‘outrora’ do passado rememorado inscreve-se doravante no interior do ‘antes que’ do passado datado; simetricamente, o ‘mais tarde’ da espera torna-se o ‘no momento que’, marcando a coincidência de um acontecimento esperado com a grade das datas por vir. (RICOEUR, Paul. p.164. 2008)

A *história da história*, na qual historiadores a partir do momento em que se trata de atribuir um significado as situações de: “continuidade/descontinuidade, ciclo/linearidade, distinção em períodos ou em eras”, Ricoeur (2008). Sendo assim o tempo da história atua pela limitação de uma ordem pensável quanto pela superação da ordem do vivido. Algo que *Biá* não consegue fazer durante a película inteira pois não tem um arcabouço teórico e metodológico para a escrita científica do documento da cidadela. Com essas noções de tempo histórico, ler a arquitetura da cidade, desintegração do tempo global da história, expressando o problema de relações entre vários tempos e locais.

Contudo, trazendo para o testemunho alguns historiadores discutem sobre a confiabilidade do testemunho oral, mas pensando métodos para se tornarem mais confiáveis, ao abordar a memória nas ciências humanas explorando uma memória pessoal;

(...) esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ele ressurgue no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios, colocação em imagens (...). (RICOEUR, Paul. p.170. 2008)

Pensando assim, o testemunho tem várias utilidades dê de “arquivamento em vista da consulta por historiadores é somente uma delas”, Ricoeur (2008), voltado para um testemunho do cotidiano e mais fácil se aplicar no jurídico e ao uso histórico

do testemunho; dado que os testemunhos podem ser tratados diferente da memória cultural, no caso de serem transcritos, armazenados ou arquivados em vídeo ou áudio.

“Eu estava lá”, a fórmula do testemunho, a presença do narrador nos locais de coerência, a autodesignação faz emaranhado de uma história pessoal que foi ela própria achada em histórias; quando vários testemunhos e várias testemunhas se confrontam “sob certas condições gerais de comunicação, esse espaço pode ser chamado espaço público” Ricoeur, (2008), uma crítica do testemunho de sua prática.

Sendo assim, um testemunho confiável e aquele que consegue manter seu testemunho no tempo, tendo uma manutenção a próxima o testemunho de uma promessa, como manter a palavra e manter a promessa; promessas talvez feitas por alguns personagens da história de Javé, com a família e histórias passadas por geração a geração. O testemunho permite um seguimento narrativa a memória declarativa, o genuíno da narrativa e o destaque do seu narrador.

O arquivo e a brecha da historiografia, normalmente oral, ele é escutado e ouvido, nos arquivos o historiador é um leitor; além de ser outras formas do historiador usar a *memória arquivada*:

O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos dos rastros cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental. Mas o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social. (RICOEUR, Paul. p.177. 2008)

Desta forma, duas correntes de preservar a memória surgem a partir do século XIX, o Historicismo alemão e o Positivismo francês, porém mesmo com perspectivas distintas sobre o conceito de História, a predominância do documento como fonte da verdade histórica. Em 1929, com a Escola dos *Annales*, muda-se a perspectiva de historiográfica, sendo assim a história narrativa, documental, ciência do passado e neutra, além de nacionalista foi refutada por Marc Bloch e Lucien Febvre. “Para estes, o modelo de ciência adotado até então não poderia se aplicar a história que, como ciência social, deveria discutir o passado a partir dos problemas do presente”.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> PASA, Caroline; KARPINSKI, Cezar. "A “Maria da ilha” entre documentos e memória: reflexões sobre os arquivos da Deputada Estadual Antonieta de Barros (1901-1952)." *ÁGORA: Arquivologia em debate* 29.58 (2019): 1-14.

Com isso, o historiador deixa de ser passivo perante um arquivo, e vai pesquisar sobre o sujeito histórico que nunca apareceram em documentos oficiais, a crítica ao documento oficial foi tão forte que alguns desconfiavam e os arquivos questionados ao seu significado. Os historiadores, filósofos passam a produzir e discutir sobre história e memória, “esse dialogo tem produzido reflexos interdisciplinares em obras que contribuem para as discussões que abrangem novamente a questão do arquivo”.

Levando em conta, o que Paul Ricoeur (2007) disse que o arquivo é físico por ser uma espécie de vestígios documental e social pelas condições históricas a que se encontra, o arquivo se insere em um contexto específico para ser lembrado e é relacionando a memória e ao esquecimento. Algo que os cidadãos de Javé queriam fazer com as memórias e lembranças, torna-las um arquivo científico para o não esquecimento da cidadela.

Quando o arquivo deixa de ser uma espécie de armazém da memória coletiva, “mas como um lugar social que guarda os ‘rastros’ do passado subsumidos nos documentos arquivados”, a partir desses rastros se dá uma operação historiográfica; memória se torna história junto ao arquivo, “por meio de uma ação consciente de que a informação disponível neste espaço é tão histórica quando ao próprio arquivo”. Nesses arquivos as informações da memória são conservadas e traz uma noção de *memória arquivada*, o historiador se depara com os rastros do passado que se inicia por critérios subjetivos e problemas formulados em uma pesquisa.

O arquivo para o historiador é seu objeto de estudo na medida que os rastros foram conservados, pela instituição com o fim de serem consultados em um futuro, a uma noção de *prova documental*, “que designa a porção de verdade histórica acessível nessa etapa da operação historiográfica”. Para o historiador, o documento não é meramente dado, ele é bem mais que isso, “circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento”. Deste modo, o documento comprova fatos afirmados em termos representativos, mas esses fatos não devem ser confundidos com o que aconteceu realmente ou com o conteúdo de memórias vivas das testemunhas.

Ainda não obstante, vem a crítica ao testemunho espontâneo, se podemos confiar ou não, uma solução posta sobre a *prova documental* e ser resolvida uma



reflexão sobre a explicação e a representação. “Crise do testemunho: é a maneira rude que a história documental encontra para contribuir para a cura da memória, e passar para o trabalho de rememoração e o trabalho de luto”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender melhor por que Antônio Biá não conseguiu escrever a história de Javé, segundo alguns filósofos, teóricos e historiadores.

Inicialmente, ao fazer uma análise fílmica da obra *Narradores de Javé* (2003), destaca-se no trabalho da memória, com experiências pessoais e coletivas relacionando com experiências do cotidiano da cidadela, aonde encontra a problemática do surgimento das obras de uma represa, podendo gerar a inundação da cidade, porém processo de modernização. Para evitar este processo os moradores de Javé deveriam constatar por meio de documentos científicos, o seu valor histórico. Desta forma, a aplicação da memória oral e a oralidade são as únicas formas de escrever o documento científico, pelo fato da grande parte da cidadela ser analfabeta, escolhendo assim Antônio Biá, um carteiro para a escrita do documento, porém no meio do caminho encontrara dificuldades pela falta de arcabouço teórico e metodológico de um historiador.

História e memória são concepções que ocorrem no campo de disputas, como visto na obra cinematográfica cada família e morador possui uma versão do fundador e criação da cidadela, partindo de interesses familiares e pessoais, Biá não sabendo ser imparcial também possui interesses escolhendo quem ouvirá ou pedindo favores, além de querer uma escrita hollywoodiana, com grandes heróis. A película aborda diferentes versões do passado, cada um possuindo sua legitimidade, como disputas entre irmãos, herói versus heroína, causando uma memória épica, com grandes feitos.

O principal ponto e a falta de historicidade de Antônio Biá, por não conseguir escrever a história e transformar em um documento científico, além de não dá valor e importância da memória na historiografia, pois ela nesta ocasião serve como matéria prima. Sendo assim, ele encontra dificuldades para ter uma interpretação crítica das memórias orais apresentadas no decorrer da trama, no qual limitava a história apenas a observação dos fatos, na busca da verdade absoluta; a falta de preparo ao trabalhar com memória, com a qual tentava rescrever. No entanto, compreender a história não é julgar, porém trazer uma visão analítica sobre a história o que implica no verdadeiro trabalho do historiador; dessa forma o historiador peneira as narrativas, permitindo a

organização de conteúdos de forma racional, assim Marc Bloch (2001) nos mostra “Ofício do Historiador”.

Ainda não obstante, o segundo capítulo que aborda a memória partindo do filósofo Paul Ricoeur, com sua obra “A memória, a história, o esquecimento” (2007), abordando o uso e abuso da memória, reflexões sobre a memória coletiva e oral, aonde ele ensina com trabalhar uma memória. Trabalhando com fenômenos mnemônicos, partindo de um ponto aonde a memória é bem-sucedida, vinculada a de ser fiel ao passado, vendo a dificuldade do esquecimento, com essa memória surge os falsos testemunhos; que são desmascarados por uma iminência crítica cujo o único recurso a ser usado é se opor aos testemunhos suspeitos a outros mais confiáveis, constituindo uma estrutura fundamental na transição entre memória e a história.

Para Paul Ricoeur, existe uma linha de raciocínio na qual a memória está sendo manipulada pelos detentores de poder, sendo assim visível os abusos da memória. A manipulação memorial, está estabelecida na problemática da memória e das identidades coletiva e pessoal, buscando assim uma memória da reivindicação da identidade, expondo o excesso de memória em que tal região do mundo é mais limitada que a outra. A manipulação da memória serve para história formal, conduzindo a que memória construída por certos grupos acabam se tornando uma história “oficial”, por meio da análise dos abusos da memória é fundamental para o ofício do historiador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORMINO, Luciana. **Narrativas da memória**. Scribd. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/374537385/AMORMINO-Luciana-NARRATIVAS-DA-MEMORIA>>.

AUGUSTO, Victor; PENA, Lage. **Reflexão sobre a utilização do testemunho da produção historiográfica**. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <[http://uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos\\_completos/138-27790-08102014-165437.pdf](http://uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos_completos/138-27790-08102014-165437.pdf)>.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COELHO, João Paulo; MELO, José Joaquim. **O OFÍCIO DO HISTORIADOR: Reflexões sobre o conceito de passado em suas dimensões sociais e históricas**, v. 1, p. 1 – 24, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.html>.

CORÁ, Elcio; VIEIRA, Allan. **Fundamentos filosóficos em Paul Ricoeur para os mais variados textos**. *Revista Pandora Brasil*, v. 42, p. 1 -51, 2012. Disponível em: [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/ricoeur/ailton.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/ricoeur/ailton.pdf).

**Capítulo 3 Memória Pessoal, Memória Coletiva -Relatoria - Baixar pdf de Docero.com.br**. Docero.com.br. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/xvc5xes>>. Acesso em: 7 Dec. 2021.

JEFFREY, Andrew. **O lugar da lembrança. Reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricoeur**. *Revista Memória em Rede*, v. 4, n. 6, p. 59–70, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9513>>.

KARPINSKI, Cezar. **“Memória arquivada”: reflexões sobre documentos e arquivos a partir de Paul Ricoeur**. *Questoesemrede.uff.br*, 2017. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/3014/5.%20%e2%80%9cMEM%c3%93RIA%20ARQUIVADA%e2%80%9d.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 Dec. 2021.

LUÍS, António. **Espaço e narrativa em P. Ricoeur**. *Revista Filosófica de Coimbra* -n. o, v. 39, p. 141–162, 2011. Disponível em: <[https://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](https://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur)>.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991

BERGAMASCHI, Maria. **Memória: entre o oral e o escrito**. *Revista História da Educação*, v. 6, n. 11, p. 131–146, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30603>>.

SANTOS, Sanqueilo; OLIVEIRA, Rodrigo. **O significado da memória e da imaginação na possibilidade da história, com referência a Paul Ricœur | Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**. Uesc.br. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2552>>.

PACHECO, Helena. **NARRADORES DE JAVÉ: Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 5, n. 2, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/33>.

PESAVENTO, Sandra. **Cidade, espaço e tempo: Reflexão sobre a memória e o patrimônio urbano**. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 2, n. 4, p. 9–18, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893>>.

**O ofício do historiador: reflexões sobre o conceito de passado em suas dimensões sociais e históricas | Sumários.org**. Sumarios.org. Disponível em: <<https://www.sumarios.org/artigo/o-of%C3%ADcio-do-historiador-reflex%C3%B5es-sobre-o-conceito-de-passado-em-suas-dimens%C3%B5es-sociais-e>>. Acesso em: 7 Dec. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

RANCIÈRE, J. A historicidade do cinema. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 44, n. 48, p. 245-263, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-

7114.sig.2017.133369. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/133369>. Acesso em: 7 dez. 2021

SILVA, Carolina; VENTURA, Juliana; PEREIRA, Matheus. **Os conceitos de memória impedida, memória manipulada e esquecimento de reserva em “A memória, a história, o esquecimento” de Paul Ricoeur: entre o trauma e a conciliação**. Ed. Mariana – MG. 2010. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/334643782\\_Os\\_conceitos\\_de\\_memoria\\_impedita\\_memoria\\_manipulada\\_e\\_esquecimento\\_de\\_reserva\\_em\\_A\\_memoria\\_a\\_historia\\_o\\_esquecimento\\_de\\_Paul\\_Ricoeur\\_entre\\_o\\_trauma\\_e\\_a\\_conciliacao](https://www.researchgate.net/publication/334643782_Os_conceitos_de_memoria_impedita_memoria_manipulada_e_esquecimento_de_reserva_em_A_memoria_a_historia_o_esquecimento_de_Paul_Ricoeur_entre_o_trauma_e_a_conciliacao).

VARGAS, Cláudio Pellini. **Narradores de Javé: Argumentos para pensar a modernidade**. Revista Inter Ação, v. 37, n. 1, 2012. Disponível em:  
<<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/18877>.

#### **Ficha técnica:**

Título Original: Narradores de Javé.

Gênero: Drama; Nacional.

Tempor de duração: 100 minutos.

Ano de lançamento: 2003.

Estúdio: Bananeira Filmes; Gullane Filmes; Laterit Productions.

Distribuição: Riofilmes.

Roteiro: Eliane Caffé; Luis Alberto de Abreu.

Produção: André Montenegro; Caio Gullane; Fabioano Gullane; Vânia Catani.

Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa.

Direção de arte: Carla Caffé.

Edição: Daniel Rezende.

